

**Eduardo Pitta. *Fractura: A Condição Homossexual na Literatura Portuguesa Contemporânea*. Coimbra: Angelus Novus, 2003.**

Ana Reimão

Curiosamente, *Fractura* inaugura os estudos *gays* na literatura portuguesa alegando que não existe uma literatura portuguesa *gay*. Neste ensaio, Eduardo Pitta começa por tecer algumas considerações sobre os motins de Stonewall, que tiveram lugar em Junho de 1969, na cidade de Nova Iorque, e que contribuíram para a emergência duma cultura assumidamente *gay*. À maturidade que estas circunstâncias provocaram no discurso existente à volta dos estudos *gays*, no contexto anglo-americano, onde as barreiras do indizível foram há muito ultrapassadas—e a prová-lo está a inclusão dos estudos *gays* e lésbicos nos currículos académicos de várias universidades—Pitta contrapõe o silêncio da realidade portuguesa que ele próprio vem quebrar.

Pitta encara o termo “gay” como característico de uma realidade que não se deve aplicar ao padrão português sem mais considerações. Para o autor, a sociedade portuguesa é uma “sociedade tradicionalmente hipócrita e sexualmente repressiva (...), onde o inenarrável *trash* televisivo dos últimos anos tem feito mais pela ‘libertação’ dos interditos do que a revolução de 1974,” o que parece explicar a inexistência até agora de um discurso sobre a homossexualidade na literatura. Com a liberdade que pode ter alguém que inaugura um discurso, Pitta propõe uma distinção entre literatura *gay* e literatura homossexual. Para o autor, literatura *gay* é aquela que reivindica direitos de cidadania, enquanto a literatura dita homossexual apenas “reflecte sensibilidades e experiências isentas de sentido político pré-determinado.” E é precisamente de literatura homossexual, ou seja, das representações literárias da homossexualidade, que se pode falar em respeito à especificidade portuguesa.

Assim, após apresentar uma breve genealogia da literatura homossexual portuguesa em que se incluem nomes como o do português António Nobre ou dos brasileiros Gregório de Matos e Adolfo Caminha, Pitta faz uma incursão pelo cânone português contemporâneo, exemplificando através de

excertos bem comentados a forma como a condição homossexual é retratada. Arrancando com *A Confissão de Lúcio* de Mário de Sá-Carneiro, passando por *Mau Tempo no Canal* de Vitorino Nemésio, *Sinais de Fogo* de Jorge de Sena, pela primeira parte da obra de Al Berto, pela obra de António Franco Alexandre, Eugénio de Andrade, Manuel Magalhães e Luís Miguel Nava, entre outros, o autor vai tecendo as suas considerações ressaltando que não pretende apresentar uma lista exaustiva.

No final do ensaio, volta-se à questão da especificidade do termo “gay” como representante de uma comunidade próspera e bem estabelecida, social e economicamente, que exclui aqueles que não correspondem ao padrão da “normalidade gay”: “Não vale a pena dourar a pílula: a cultura gay está associada a um estatuto económico *well-off* que deixa de fora parte não negligenciável da comunidade homossexual.” Características que, diz Pitta, estão completamente ausentes da literatura portuguesa. A “fractura” entre classes característica da cultura *gay* anglo-americana é inexistente nos textos portugueses.

Para além do mérito de ter desbravado o terreno numa área, até aqui, por estrear, Eduardo Pitta deixa também a vontade de ouvir mais esclarecimentos em relação a estas questões que vai levantando no seu ensaio, deixando o espaço e as pistas necessárias para que ele próprio, ou outros, continuem a percorrer esse caminho. Faz-se ainda notar que, apesar de o conteúdo do ensaio referir que se vai tratar exclusivamente da homossexualidade masculina na literatura portuguesa, não é isso que se entende pelo seu título, deixando, por isso, algo a desejar relativamente às questões da homossexualidade feminina na literatura, que não são de todo abordadas aqui.

Ana Reimão ensina português na Universidade de Liverpool. Email: anareimao@gmail.com